João Simões Lopes Neto Parte II

No Caderno Piá de outubro, dedicamos um espaço especial a João Simões Lopes Neto e sua obra "Contos Gauchescos". Nesta edição, continuaremos a abordagem de Contos Gauchescos trazendo um breve trecho do conto "Trezentas Onças", que mostra a realidade do gaúcho virtuoso, honesto, e do que ele é capaz quando seu bom caráter pode ser colocado em dúvida. Desde já, sugerimos a leitura completa do conto para melhor compreensão.

Além disso, traremos o caso "Quinta de São Romualdo", do clássico "Casos do Romualdo", obra em que João Simões Lopes Neto traz as histórias de Romualdo sobre caças, viagens, aventuras e outros assuntos relacionados ao regionalismo gaúcho.

Para começar "Casos do Romualdo", Simões Lopes Neto traz "O Primeiro Caso", em que o próprio autor relata que recebeu em sua casa, em pleno dezembro, "um pacote, atado em cruz por cadarço listrado, farta placa de lacre fechava a laçada do atilho, nem endereço nem sinete", dentro havia um "caderno salpintado de muito porém legibilíssimo bastardinho da mão inteligente de um Padre vigário, arquivista alegre nas horas vagas, e que na primeira página, com sutil e perita malícia, tracejara o título: CASOS DO ROMUALDO".

TU SABIAS?

- No Rio Grande do Sul, a denominação das peças da indumentária sofreu influência da linguagem castelhano, auca, quéchua, Aimara, antes da povoação.
- As tinturas de anilina e a máquina de costura só apareceram no século XIX.
- A maior parte das leis suntuárias atestam a intenção, entre os reis que as editavam, de manter as distinções de classe sobre as quais a sociedade repousava. Em 1785, D. Maria I aboliu todas as indústrias no Brasil, exceto o fabrico de pano grosso para vestuário de índios e escravos.
- O pampa ou a pampa (como dizem alguns) interessa a parte da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. Segundo Moacyr Flores, o pampa era habitado por índios, em especial charruas e minuanos, que se miscigenaram com espanhóis e portugueses, dando origem a um tipo social formado por homens livres, nômades, "sem lei" e "sem rei".
- Gaudério é a denominação dada ao antigo gaúcho, em sentido depreciativo, índio vago, andarengo.
- O gaúcho primitivo (século XVIII) usava os pés nus, opcionalmente usava pontas de chifre de veado atadas aos calcanhares, por tiras de couro, à guisa de esporas.
- Conforme Luiz Celso Hyarup, "a boina de origem basca foi assimilada pelo campesino fronteirista, através dos gaúchos uruguaios e argentinos."
- Esporas nazarenas são aquelas com as rosetas pontiagudas, semelhantes aos espinhos da coroa de Jesus, o Nazareno. Daí o nome. Esteve em voga até a metade do século XIX.
- O poncho americano é de forma retangular; o europeu de forma arredondada. (...) O bichará (chará (do guarani) = tecido grosso de lã) e o pala obedecem a forma retangular, sendo o primeiro de tecido grosseiro e o último de tecido leve.
- Tirador é uma espécie de avental de couro (boi, cavalo ou capivara); usado pelo campeiro para proteger seus flancos contra a fricção do laço ao apreender um animal. O homem do campo veste o tirador somente para o trabalho campeiro.

FONTE: Indumentária Gaúcha. (Coordenação de) Sonia de Campos Abreu; coordenação editorial Paulo Roberto de Fraga Cirne. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, 2003.

LITERATURA

Contos Gauchescos: Trezentas Onças

— Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.

Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.

— Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, (...) fiz uma sesteada morruda.

Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... e fui-me à água que nem capincho!(...)

E solito e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o zaino e montei.

Daquela vereda andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda, obra assim de braça e meia de sol. (...)

Durante a troteada bem reparei que volta e meia o cusco parava-se na estrada e latia e corria pra trás (...) parecia que o bichinho estava me chamando! (...)

— Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as — boas-tardes! — ao dono da casa, agüentei um tirão seco no coração... não senti na cintura o peso da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar. E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo... depois tudo me ficou cinzento, para escuro...(...)

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

— Então patrício? está doente?

— Obrigado! Não senhor, respondi, não é doença; é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

— A la fresca!...

— É verdade... antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!...

— É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!

Nisto o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. (...)

Desfile Temático de 2013: Conto de João Simões Lopes Neto foi tema de um dos carros

Ah!... E num repente lembrei-me bem de tudo.

Parecia que estava vendo o lugar da sesteada. (...)

Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem. (...)

E dei de rédea, dobrando o cotovelo do cercado.

Ali logo frenteei com uma comitiva de tropeiros, com grande cavalhada por diante, e que por certo vinha tomar pouso na estância. (...)

O zaino respirou forte e sentou, trocando a orelha, farejando no escuro: o bagual tinha reconhecido o lugar, estava no passo. (...)

Desci, dei com o lugar onde havia estado; tenteei os galhos do sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas; corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá...; nada! nada!...

Então, senti frio dentro da alma..., o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado!(...)

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição.(...)

No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi... as Três-Marias luzindo na água... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima. (...)

— Patrício! não me avexo duma heresia; mas era Deus que (...) mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...(...) a trote e galope voltei para a estância. (...)

Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo, que se rebolcou, com ganas.

Então fui para dentro: na porta dei o Louvado seja Jesu-Cristo; boa-noite! e entrei, e comigo, rente o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quatro paisanos; era a comitiva que chegava quando eu saía; corria o amargo.

Em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças, dentro.

— Louvado seja Jesu-Cristo, patrício! Boa-noite! Entonces, que tal le foi de susto?...

E houve uma risada grande de gente boa.

Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaipeca, arrolhadito aos meus pés...

FONTE: LOPES NETO, João Simões. Contos Gauchescos.

EXPEDIENTE

Informativo integrante do Eco da Tradição, edição de novembro de 2018. Publicação da Vice-presidência de Cultura do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Responsabilidade técnica: Gelson Descovi Vargas. Elaboração: Roberta Jacinto.

LITERATURA

Casos do Romualdo: “Quinta de São Romualdo”

Compre chácara quem quiser; eu, por mim, estou farto, e jurei nunca mais!...

Cansado de viagens e de caçadas, e desejando repousar, comprei uma bonita quinta, com muito arvoredo frutífero, boas águas, casa cômoda. Uma pechincha!

Pra não estar debalde, resolvi fazer uma plantação de abóboras, para vender as pevides, que, informaram-me, é remédio infalível para a solitária.

Cada abóbora produz mais de cento e cinquenta pevides; e bastam três destas para expelir uma solitária; cada uma destas a cinco mil-réis, eram duzentos e cinqüenta mil-réis que eu apurava, só em solitárias, afora a massa das abóboras... de que eu faria goiabada.

Era ou não era negócio?...

Ora bem:

Comprei – não me lembro bem – se sete ou quinze sacos de semente, da melhor; virei as terras, encanteirei-as e semeei as minhas solitárias, digo, as minhas abóboras, numa lua nova, para grelarem com força.

Pois, passado um mês... a lavoura era pura barba-de-bode!... Dura, empenachada, parecia uma plantação de vassouras de piaçava, verdes!....

Briguei, e forte, com o vendedor das sementes, que desculpou-se dizendo ter havido troca de volumes: a semente de barba-de-bode era para um armazeneiro, que vendia-a – e caro – como tempêro estrangeiro, de luxo; que o homem tinha-se dado ao diabo, quando pelo engano tinha recebido as pevides de abóbora, mas que afinal agradou-se e havia já pedido segunda remessa, para jorrar e misturar ao café, para dar-lhe mais gosto de café.

Não achei graça nenhuma à esfarrapada explicação; o que era certo é que estava com a minha lavoura perdida, inçada daquela praga.

Ensinaram-me então que para destruir barba-de-bode, para nunca mais nascer, o único remédio era... a preá.

Comecei, pois a comprar preás a torto e a direito; mandei peães a todos os rumos, escrevi a amigos e conhecidos, encomendando preás.

Foi então unia chuva dos tais bichinhos, recebia-os em sacos, em gongás, em caixões, e até tocados por diante, como tropa.

Contava, pagava e soliava, logo, na lavoura.

Realmente: uma maravilha!

Ao cabo de duas semanas não havia mais um fio de barba-de-bode. E eu, satisfeitíssimo! Mas logo em seguida, as preás, acossadas pela fome, deram na roça do milho e do feijão; foram-me as hortaliças, aos alegretes do jardim; treparam às laranjeiras, tudo devoraram – menos marmelos.

Uma devastação!

Refleti um momento; e para extinguir as preás, resolvi meter... gatos.

Nova trabalheira; vieram-me gatos de todos os tamanhos e sexos e idades, gatos mimosos – roubados – e gatos ladrões – escorraçados – e rabões, pelados e peludos, e desorelhados, queimados, gordos, sarnentos.

Foi um jorro, uma inundação de gatos, sobre a minha quinta.

Contava, pagava e soltava-os, logo, às preás.

Efetivamente, um assombro!

Em menos duma semana não havia mais uma preá, para remédio. Liquidadas. E eu, esfregando as mãos. Mas – nem tudo lembra! – os bichanos, já sem pitança, miavam que era um desespero... e quando menos eu sonhava...

Olha a gatalhada no galinheiro. E não me ficou viva uma só ave, desde os pintos até os galos de rinha! Uma calamidade!

Nem por isso dei parte de fraco; pensei, e para acabar com os gatos, resolvi soltar-lhes... cachorros!

E vá! Na estrada!

A peonada andava numa contradança, trazendo cachorros e logo voltando a buscar mais; pelas estradas só se via passarem andantes conduzindo matilhas, e trelas de até vinte cachorros. Apareceram-me perdigueiros, veadeiros, paqueiros, onceiros, rateiros, tatuzeiros; e galgos, d’água, terras-novas, crespinhos; e grandes e pequenos, brigadores, ranhentos.

Eram centos e centos de cachorros! Contava, pagava e soltava-os logo, aos gatos!

Indiscutivelmente: um sucesso.

Em poucos dias não se acharia nem mais um único gato, um só que fosse, para salvar um condenado da forca! E eu, assobiando, satisfeito.

Mas – é que andei precipitado... – a cachorrada sem mais gatos... gania de jeito, que só a chumbo! E como eu não tivesse mais gatos. – .os cães, uma bela noite, atiraram-se às ovelhas, e com tal gana, que nem as maçarocas ficaram!

Um cataclismo!

Aí, meio que desanimei; mas depois de coçar-me forte, durante uns minutos largos pensei, e para acabar com os cachorros, resolvi contratar gringos, tocadores de realejo!...

Custou-me um pouco a organizar o batalhão: mas a notícia de que a paga era boa correu, e começaram a aparecer-me gringos, vindos até de onde o diabo perdeu as botas!...

Cachorro tem um terror doudo pelo realejo; é tocar-se um desses moinhos de música e o cão, mesmo preso na corrente, uiva, chora, apavora-se..., e não há nada que o detenha na fuga; nem água fervendo, nem tição de fogo, nem comida, nem pau... só outro realejo, que o faça mudar de rumo!

Quando botei a gringalhada a manobrar os realejos, toda ao mesmo tempo, marchas, polcas, funerais, o miserere, o caranguejo, a Esteia confidente, o bitu, valsas, o solo Inglês... o maxixe quando tudo isso estrondeou nos ares... Oh! Deus do céu!...

Senhor S. Pedro!... Meu anjo da Guarda!... cachorro houve, que tão desnorteado de horror ficou, que até sobre os próprios gringos atirou-se... atirou-se..., e caiu, estrebuchando, espumando, rilhando os dentes, como danado! ...

O cachorrio pegou numa uivaçada tão espantosa que chegou a abafar o barulho dos realejos: mas logo desatou a disparar... a disparar... a disparar... e foram-se, campo fora, para os lados da rosa-dos-ventos, como assombrados!

Inegavelmente: soberbo!

E eu, cheguei a fazer uns passos de gavota, rejubilando-me; sim, senhor! Mas – e aqui tive um baque no coração.. – os gringos, sem mais cachorros para espantar, pediam comida. E eu, que não contava com a rapidez do negócio, havia-os contratado por três dias, calculando que com três dias de realejo não haveria cachorro – nem morto! - capaz de resistir...

E errei feio, porque os próprios buldogues não chegaram a aguentar nem uma hora...

E eles a pedirem comida!

E a chegarem mais gringos, que pelas estradas tinham tido notícias do meu anúncio; outros que eram ainda mandados expressamente pelos meus amigos e conhecidos e comissionados!

E cada desgraçado que chegava, como saudação, tocava-me uma peça de realejo; e quando foi de noite, todos eles, de combinação – eram cento e cinqüenta e três – resolveram fazer-me uma surpresa, e todos a um tempo, como um furacão que desaba, manobraram uma serenata sem fôlego, que durou da uma às três horas da madrugada.

Comecei a deitar sangue pelo nariz, pelos ouvidos, pelas gengivas, e desmaiei.

Ao clarear do dia recobrei os sentidos; chamei os capatazes, a peonada, uns hóspedes que tinha, e armei-os de revólveres, de davinas, de pistolas, de bacamartes; meti em quadrado os gringos, com os realejos; todos nós, armas engatilhadas, facas reluzindo, prontos a matar, tocamo-los porteira fora, aos gritos imperiosos de - silêncio! silêncio! silêncio!

Passei então um dia delicioso; sesteei regaladamente!

Mas – sempre aparece cada uma! – logo começaram a aparecer-me em casa advogados, escrivães, meirinhos, autoridades.

Ora dá-se! Um homem quieto na sua quinta, sem se preocupar da vida alheia e a vida alheia atrapalhando a sua! ...

Eram os vizinhos, queixosos, que me processavam, pediam indenizações, reclamavam contra prejuízos de que eu era causante!

Estes, porque as preás que conseguiram escapar-se haviam-se-lhes entocado nas plantações; aqueles, porque, gatos danados – dos meus – tinham-lhes mordido as criações; outros, porque os cachorros corridos comiam-lhes os rebanhos.., e até um violento protesto do cônsul, acusando-me de tentativa de morte sobre trezentos e sete gringos e meio!...

E eram citações, requerimentos, autos, contrafes, termos, inquirições... um inferno!

Chamei advogados para a minha defesa, estes pegaram-se a discutir com os contrários: então é que a complicação complicou-se mesmo!

Os peães despediram-se medrosos os capatazes foram saindo, por causa das dúvidas...

Fiquei sozinho, na quinta solitária.

Então adoeci.

Veio um doutor para salvar-me. Mostrei-lhe a língua, tateou o pulso, rufou-me na barriga e... chamou um colega. Depois os dois chamaram um terceiro, os três, um outro; os quatro, um quinto... Já era uma dúzia deles; vieram mais ainda: cheguei a contar um quarteirão!

Desde a nuca até a sola dos pés, o meu corpo era um mapa geográfico de manchas e vergões; estava todo sanado e empolado de ventosas, inflamado dos sinapismos, lambuzado dos ungüentos, queimado dos vesicatórios, encorrilhado das embrocações, cruzado das pinceladas...

Na casca consenti tudo: no miolo, nada. Engolir, isso sim, isso é que nem à mão de Deus-Padre nenhum deles foi homem para me obrigar!

Certo dia, por doze votos fui considerado ainda vivo, e por treze dado por morto.

Venceu o um da maioria: passaram atestado de óbito e foram-se... e veio o defunteiro tomar as medidas do caixão... Que cena, esta, da tomada das medidas... Que cena, esta, da tomada das medidas... que cena!..

Dormi... até acordar-me; depois levantei-me, fiz um churrasquinho, chupei dois mates e pitei um cigarro de fumo crioulo. Sol alto montei a cavalo, para ir-me embora, de vez.

Tinha vencido sete pragas: bastava de combate.

Mas, ao sair a cancela do terreiro, vi o que nunca imaginei mais ver! ...

Vi a barba-de-bode renascendo na lavoura, algumas preás roendo ervas, três gatos em cima do telhado; dois cachorros coçando as pulgas; um gringo de realejo à sombra de um moirão, um meirinho que chegava a trote..., e um doutor que apeava-se da carriola!...

Amigo!

Cerrei pernas ao baio e só parei... quando vendi a quinta.

Pagas as contas, sobraram-me três patacas, em cobre: comprei as espoletas, pólvora e balas, e ganhei, outra vez, no sertão!

Tenha chácara quem quiser: eu, Romualdo, é que nunca mais!

Nem atado!

FONTE: LOPES NETO, João Simões. Casos do Romualdo.

EXERCÍCIOS

Sobre o causos do Romualdo, exercite seus conhecimentos

01. No caso ....., Romualdo conta as experiências que teve ao tentar solucionar os problemas que surgiam na quinta que havia comprado. O conto traz a mensagem dos problemas que podemos adquirir ao tentar solucionar nossos imprevistos sem antes pensar nas consequências de nossas escolhas.

02. No caso ....., Romualdo se apresenta e define os indivíduos como "os que nunca viram nada", onde "cada um viveu plantado no terreiro... como soleira de porta... como parafuso de dobradiça"; e como os que "muito e mais coisas teria visto", onde teriam "vivido como galo de torre de igreja, como coleira de cachorro ou como sanguessuga de barbeiro".

03. No caso ....., Romualdo conta sobre um papagaio chamado Lorota, o qual conheceu na Capelinha de S. Romualdo. Este papagaio fugiu quando seu dono, o Padre Bento de S. Bento, faleceu. Romualdo reencontrou Lorota na Serra, no mato virgem, ensinando outros papagaios a cantarem a ladainha que ele havia aprendido com o Padre Bento.

04. No caso ...., Romualdo conta sobre uma figueira que havia "absorvido o suco germinativo de todas as pevides e caroços e sementes que lhe alastravam o chão...", motivo pelo qual a figueira "deu figos e... marmelos; no seguinte ameixas, de repente só peras; no outro ano puramente laranjas, depois apenas figos; em seguida uvas...".

05. No caso ....., Romualdo conta sobre o episódio em que o impulso do seu cavalo Gemada ao entrar na balsa, lançou a mesma para a outra margem do rio, sendo que o mesmo aconteceu quando Gemada desceu da balsa, ocasião em que " o impulso para trás foi tão forte, que a balsa desandou sobre a água e foi certinha, como uma flecha, abicar na margem donde havia saído...".

06. Em ....., Romualdo conta o caso onde, devido à velocidade em que galopava seu cavalo, conseguiu fugir de uma tormenta. No caso, Romualdo conta: "E assim viemos, eu e a tormenta, na mesma disparada: a que te pego! A que te largo! – Já perto das casas, vi a gente do João Silvério, e ele mesmo, todos de mão em pala sobre os olhos gozando aquela gauchada.". No conto, ainda fica clara a gratidão e amizade de Romualdo para com seu pingo, uma vez que, mesmo com farta proposta, recusou vender o animal aos que presenciaram o fato.

07. Caso que seu passou no norte do país, quando de uma seca espantosa, a farinha de mandioca encareceu e Romualdo resolveu fabricar farinha de pinhão. Para tanto, ensinou bugios a descascar pinhão e ajudar-lhe na produção. O nome deste conto é .....

08. No caso ....., Romualdo conta o episódio em que, numa caçada, um enorme tatu acabou matando seu cavalo.

Respostas: 01. Quinta de São Romualdo / 02. Sou eu, o homem! / 03. O papagaio / 04. A figueira / 05. Uma balda do Gemada / 06. Meu rosilho "Piolho"/ 07. Entre bugios / 08. A morte do Gemada

FONTE: LOPES NETO, João Simões. Casos do Romualdo.

Um pouco de prosa, verso e arte

Neste mês, nosso espaço contará com a participação de uma costureira, representando todas as artistas que ajudam a manter nossa indumentária viva no imaginário e no dia-a-dia da sociedade gaúcha. Nadia Fetter, é natural de São Francisco de Paula e atualmente reside na cidade de Sapiranga. Nadia nasceu em 04 de novembro de 1966, trabalhou 26 anos na área do calçado e após o nascimento do terceiro filho, no ano de 2006, começou a costurar vestidos de prenda sob medida. Seu trabalho, além de ser transmitido para outras gerações, ajuda na renda familiar. O primeiro vestido de prenda que confeccionou foi para sua filha. Logo ao começar a trabalhar com a costura, realizou cursos de especialização em Porto Alegre e começou a ser reconhecida pelo belo trabalho. Atualmente é procurada por prendas de entidade, regionais, estaduais, grupos do Festmirim, Juvenart e ENART, além de ser contratada para confeccionar peças para pessoas de outros estados. Com a arte da costura conquistou muitas histórias e aspirações.

"Através de vivências e experiências há 20 anos no Movimento, percebo que realmente é uma atividade mesclada entre trabalho e arte de costurar sonhos e dedicação, chegando ao final de cada vestido com olhar de emoção, cansaço, satisfação, aprendizado e amor pelo trabalho e por nossa tradição."